

Migração, exílio e fronteiras: a narrativa de Ruffato em *Flores Artificiais*

Migration, exile and borders: the narrative by Ruffato in *Flores Artificiais*

Icaro Carvalho

Mestrando em Letras na
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo: Após uma estrondosa estreia com *Eles eram muitos cavalos*, Luiz Ruffato alça-se a uma história capaz de discorrer sobre o constante processo de migração presente nas relações identitárias atuais. Em *Flores artificiais*, através de seu personagem-narrador, o escritor mostra diversas ocasiões, cada vez mais corriqueiras, em que se torna impossível, ou sem sentido, classificar pessoas dentro de seus países natais. Com base em diálogos e teorias contemporâneas, esse artigo almeja melhor entender, a partir da leitura do livro, como esses movimentos fazem com que possamos pertencer a algo, ou a nada, num mundo onde as fronteiras tornam-se cada vez menos fixas ou estáveis.

Palavras-Chave: Luiz Ruffato, migração, Flores artificiais.

Abstract: After an enormous breakthrough with *Eles eram muitos cavalos*, Luiz Ruffato goes to a story that is able to tell about the constant immigrational process that exists in the currently identity relations. In *Flores Artificiais*, through his narrator-character, the writer shows different occasions in which it becomes impossible, or nonsense, to classify people inside his mother countries. Based on dialogues and contemporary theories, this article aims to better understand, from the book reading, how these movements make possible to a person to belong to something, or nothing, in a world where the boundaries are less and less stable.

Key-Words: Luiz Ruffato, Migration, Flores Artificiais.

Introdução

Luiz Ruffato, escritor nascido em Minas Gerais, é autor de diversas obras de repercussão considerável tanto no atual cenário da literatura brasileira, quanto em panorama internacional por meio das diversas traduções de seus livros. Ruffato apresenta-se da carreira de jornalista para dedicar-se exclusivamente à escrita durante o lançamento de seu primeiro livro *Eles eram muitos cavalos*, publicado pela editora Boitempo em 2001. A sua obra de estreia catapultou Ruffato direto para a prateleira de escritores promissores, que, quando levamos em conta também a quantidade, Ruffato não decepciona: nove romances publicados entre 2001 e 2014, sendo *Flores Artificiais* (2014) o seu livro mais recente e objeto principal de estudo deste escrito.

Acima do número intenso de publicações, Ruffato destaca-se pela variação de temas tratados em suas obras desde o início de sua carreira: em *Eles eram muitos cavalos* (2001), através de setenta passagens, o autor nos apresenta a cidade de São Paulo, durante o dia nove de maio de 2000, em uma pretensiosa ideia de retratar partes da cidade às quais a literatura geralmente não daria voz. O foco de Ruffato, e talvez sua personagem principal, é a cidade. Aqueles que vivem, perambulam, aparecem ou alimentam-se dela são personagens passageiros que surgem e somem conforme um novo conto é passado, enquanto São Paulo permanece lá durante toda a obra. Talvez sob influência considerável dos escritos de Rubem Fonseca, Ruffato também constrói uma narrativa de choque e com foco no brutal, capaz de amedrontar o trabalhador médio brasileiro. Diversas cenas não produzem o mesmo efeito quando expostas a outras camadas sociais que não aquelas capazes de assustarem-se com a pífia narração de um indivíduo de classe média sobre o perigo representado por menino pedinte em uma sinaleira.

Não são poucos os motivos que nos levariam a pensar sobre as reais intenções por trás de *Eles eram muitos cavalos* (2001) e, uma vez que descartada a possibilidade de uma literatura de denúncia, pode-se entender como uma simples tentativa de impactar, através da brutalidade, aqueles que negam a realidade que os rodeia. Essa literatura de choque poderia ser um trunfo para obter um maior ganho de mercado, afinal, como nos diz Maren Viñar no seu livro de 1992 *Exílio e tortura*, o horror é atraente e, neste caso, é também lucrativo, ainda mais quando distanciado de sua realidade. Em seu primeiro livro, Ruffato segue a lógica de uma “literatura masculina” muito semelhante a de Rubem Fonseca, na qual as personagens femininas, em sua grande maioria, funcionam apenas como receptáculos ou instrumentos de enredo para desenvolvimento das personagens masculinas e, ainda, onde a violência aparece crua, sem muitos desenvolvimentos em termos do papel social da

literatura. Não há qualquer reflexão sobre essa violência, estando ela ali apenas para chocar o leitor de classe média, revelando, assim, um funcionamento descabido em uma análise mais profunda, principalmente à luz dos temas que circundam a sociedade moderna dos anos 2010.

No entanto, após essa estreia permeada pela literatura de choque, Ruffato surpreende no seu desenrolar enquanto escritor, chegando até o seu último romance publicado. Em *Flores Artificiais* (2014) onde há reflexões e, principalmente, contribuições para com temas recorrentes na sociedade global do século XXI, tendo em vista os movimentos migratórios mundiais, como, por exemplo, os que acontecem dentro do continente africano – os sírios refugiando-se em entremeios – ou os norte-africanos atravessando o mar mediterrâneo em busca de melhores condições de vida. Ruffato nos apresenta um livro que dialoga com sujeitos que estão constantemente fora de lugar. Através de uma forma narrativa não convencional, percorrendo diferentes locais do globo, Dório Finetto, personagem principal de *Flores Artificiais* (2014), revela sujeitos fragmentados que parecem não pertencer a lugar algum. Ruffato debate tópicos em sua obra que nos fazem repensar questões de nacionalidade, pertencimento, trânsito de culturas identidades, exílios e, até mesmo, questionarmos se ainda existem aquilo que chamamos por literaturas nacionais, mesmo em um mundo tão globalizado quanto o de hoje.

Narrativa e formas

O alemão Walter Benjamin discorre em seu ensaio intitulado “O Narrador” sobre a existência de dois tipos distintos de narradores: aquele que viaja e tem muito a contar (o marinheiro comerciante) e aquele que fica em suas próprias terras e delas tudo sabe (o camponês sedentário). Como afirma no trecho:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. (BENJAMIN, 1994)

Tomando como verdade essa afirmativa de Benjamin, não poderíamos clas-

sificar o narrador Dório Finetto de outro modo que não como o marinheiro comerciante, afinal, Dório, enquanto empregado do banco mundial, viaja por diversos países e culturas, escolhendo contá-las no momento em que ele opta por assentar-se ao fim de sua vida. *Flores Artificiais* (2014) apresenta esse narrador como uma personagem atuante entre Luiz Ruffato e Dório Finetto que, de forma ficcional, além de aproximar-se de Ruffato sob pretexto de ambos serem de famílias italianas, também opta por entregar suas memórias ao escritor mineiro, na intenção de que estas possam vir a servir como matéria de algum futuro livro. Através dos relatos de Finetto e de todas as personagens que ali são apresentadas, podemos constatar que *Flores Artificiais* (2014) é, antes de tudo, um livro sobre migrações, desconfortos e não pertencimento, conforme será analisado aqui neste escrito.

O livro narra a história de oito personagens encontrados por Finetto ao longo de suas viagens como consultor de engenharia em que grande parte dessas narrativas seguem uma forma muito característica, possuindo poucas variáveis quanto ao modo de contar. Por mais que Finetto seja, em tese, narrador de todos os contos, a cada novo relato a voz é passada para uma nova personagem sem que haja mudança perceptível no modo de narrar ou em suas estruturas. A receita a ser seguida é: Dório Finetto inicia a narrativa em algum lugar do mundo - África, América, Ásia ou Europa - e, logo após encontrar algum personagem em seu percurso, passa a palavra a este desconhecido que compartilha a sua história. Em momento algum explica-se o motivo de Finetto estar no país, nem o que um consultor do Banco Mundial efetivamente faz como atuação profissional, mas, através dessa receita citada, Finetto narra oito histórias diferentes além da sua própria ao fim do livro, no capítulo intitulado “Memorial”.

Em “Uma história inverossímil”, o primeiro personagem encontrado por Finetto é o inglês Robert “Bobby” William Clarke que, após diversas viagens entre Inglaterra, Brasil e continente africano, assenta-se no país tupiniquim como exterminador de ratos. A condição financeira de Bobby não é nada favorável, visto que o encontro entre ele e Finetto dá-se enquanto esperam em uma fila por uma espécie de sopa destinada aos pedintes da cidade mineira de Juiz de Fora. A forma narrativa, apesar de sua extensão excessiva quando comparada a dos outros personagens, segue a receita já citada apenas com uma diferença: quem narra essa história é Finetto desde o encontro com Clarke para então, a partir disso, discorrer sobre a história do inglês, desde os tempos de estudante de química na universidade londrina, passando pela África como mercenário, até chegar ao Brasil como dono de posto de gasolina e, por fim, exterminador de pestes. Ao longo da história, em nenhum momento sentimos em Clarke qualquer sentimento de nacionalidade perante ao

Brasil ou à Inglaterra. Pelo contrário, Bobby vai de encontro àquilo que lhe parece a melhor oportunidade no momento, como acontece quando acaba retornando para o Reino Unido em certo momento apenas pela comodidade de estar no local que melhor conhece. Clarke é a tipificação perfeita para a construção de uma narrativa inicial, mostrando ao leitor que em seguida serão apresentados ainda sujeitos vivendo situações atípicas que, por circunstâncias nem sempre explicadas, estão muito distantes de seus países de origem.

O caso de Bobby é contado na voz do próprio Finetto, no entanto o resto segue o panorama de Finetto emprestar a voz diretamente ao personagem da história, como ocorre em “O presente absoluto”, onde uma moça francesa encontra-se em um café portenho com Finetto. A personagem não é nomeada e toda a ação transcorre enquanto Finetto e ela conversam em Buenos Aires. A francesa, em primeira pessoa, discorre sobre como encontrou sua realização pessoal no tango argentino de Buenos Aires, longe de tudo aquilo que até então a constituía: seu marido, seus filhos e sua vida acadêmica na França. Da Argentina, Finetto também passa a palavra, da mesma forma narrativa, ao uruguaio El Gordo e a sua busca incessante pelo pai que ele eventualmente acaba encontrando no Brasil e decepcionando-se a ponto de decidir nunca mais tornar a procurá-lo.

A sequência dupla de Finetto de dar a palavra ao personagem com voz em primeira pessoa é quebrada no quarto relato, “Uma tarde em Havana”, pois neste Finetto não é intermédio, mas o único em que ele é o personagem central da ação. Em Cuba, Finetto encontra-se com a cubana Nádia que, num jogo de conquista obscuro permeado por mentiras e ocultações, acaba indo com Finetto a um quarto precário e marginal de Havana. Em momento algum Nádia toma a palavra para si e conta sua história, aqui acontece o único momento em que Finetto é narrador e também personagem já que no trecho seguinte, intitulado “A perna”, Finetto volta ao mesmo papel de outrora: encontrar algum personagem ao redor do mundo e dar-lhe a oportunidade de contar a sua história. Contribuindo para o elemento da migração, Anka é uma residente da cidade de Hamburgo que, junto de sua família, emigrara para a Bessárbia – atualmente dividida entre Moldávia e Ucrânia – em busca de melhores oportunidades. Com o estopim da Primeira Guerra Mundial, Anka e sua família veem-se obrigados a retornar ao território alemão e assim, por entre viagens, religião e violência da mãe, Anka relata sobre a sua perna manca e sua superação ao desenvolver um método de andar capaz de aparentar total regularidade muscular.

Voando para longe dali, Finetto dá continuidade na sua receita narrativa no episódio “Comer sushi em Beirute”. Aqui Finetto encontra Marcelo Barresi, um argentino de ascendência italiana que trabalha na França, em um restaurante de

comida japonesa situado em Beirute que, se já não fosse o suficiente, possui uma recepcionista asiática de nacionalidade indefinida. Barresi, uma vez que sua mãe comete suicídio e seu pai nega-lhe qualquer auxílio, acaba por refugiar-se na França, com pequena parada no Brasil, após tornar-se alvo da ditadura argentina. Este trecho revela muito sobre a atual globalização existente no mundo, ainda mais quando se nota a quantidade de culturas envolvidas em um único local, como no trecho a seguir:

A tailandesa, ou vietnamita talvez, veio, entregou-me o cardápio, com reverência, e dirigiu-se à outra mesa. O homem perguntou algumas coisas em francês, que ela decerto não compreendeu, porque, sempre risonha, respondeu num inglês arrevesado. Me condoí com a aflição da vietnamita, ou birmanesa talvez, tentando explicar, numa língua que não era a sua, as diferenças entre os diversos pratos de uma culinária em tudo a ela alheia. (RUFFATO, 2014, p. 109).

Como é possível perceber, o trecho mostra quantas culturas podem coexistir no mesmo ambiente: a atendente de um restaurante de comida japonesa situado no Líbano é asiática de traços mais ocidentais e não sabe falar o francês do cliente, porém comunica-se em inglês com alguma dificuldade. Esse conglomerado de nacionalidades faz refletir se, afinal, ainda existem fronteiras fixas capazes de definir de fato a nacionalidade de alguém ou algo apenas pelo país inscrito em seu passaporte.

Ruffato corrobora ainda mais com o sentimento de não pertencimento, mesmo em um mundo com cada vez menos fronteiras impostas, ao escrever dois – e últimos – encontros de Dório Finetto. O primeiro em “Susana” com Alexandre, um motorista que conta a história da portuguesa de nome homônimo ao título do capítulo que, incapaz de adequar-se a qualquer local, viajando da Europa para a África, opta pelo suicídio no mar africano e, o segundo, intitula-se “o homem que não tinha onde cair morto”, narrando a história de um texano sem nome mencionado que, ao aposentar-se, passa a viajar o mundo sem muitas esperanças de viver um longo tempo.

Considerando o livro como um todo, podemos escolher primeiramente direcionar o foco para “Comer sushi em Beirute” e, apenas como figuração, no alimento que indiscutivelmente possui origem japonesa. No entanto, torna-se plenamente possível o questionamento sobre ele permanecer japonês mesmo quando produzido e servido em outro país ou, ainda, se as novidades acrescidas pelo chef de cozinha libanês não invalidariam a inflexibilidade imanente no quesito de fronteiras fixas. Tais questionamentos não se restringem apenas a objetos, uma vez que tanto Dório Finetto quanto Marcelo Barresi assemelham-se mais a cidadãos do mundo do que a de seus países de origem, por possuírem mais experiências de formação pessoal

no mundo do que em um só país. Muitos dos casos contados seguem essa linha de sujeitos em inconformidade com as fronteiras estáticas delimitadas por seus países: Susana não se encontrou nem em Portugal nem nos países africanos; enquanto a moça francesa de “O presente absoluto” só foi alcançar a satisfação pessoal muito longe daquilo que poderia chamar de lar. Indo além, ainda temos Bobby Clarke, de “Uma história inverossímil”, onde em momento algum debate-se a questão da nacionalidade e, nos levando à possível conclusão de que nem ele identifique-se como inglês, nem Susana como portuguesa e que a moça francesa prefira o tango à limitação das fronteiras francesas.

Assim, Ruffato cria uma forma estritamente delimitada que, salvo poucas exceções, consiste em uma viagem para algum lugar distante do Brasil, em um encontro furtivo e em uma narrativa pessoal em primeira pessoa de um sujeito migrante. A partir disso, Ruffato nos faz encarar questões estritamente atuais e válidas para um mundo em que as distâncias e as fronteiras encurtam-se e misturam-se por conta da globalização e da facilidade em cruzar oceanos, resultando em sentimentos de não-pertencimento, ou em uma falta de identificação com o local e até mesmo consigo mesmo, uma vez que já desfez-se de suas características que outrora foram marcantes e definitivas.

Estar fora de lugar

Uma simples explicação que talvez seja capaz de elucidar de forma mais concreta o conceito abordado por Ruffato em *Flores Artificiais* (2014) é a que a possibilidade de ir e vir de um lado a outro do globo funcione como algo facilitador e encurtador de distâncias. Da mesma forma, a globalização pode ter o efeito contrário e se tornar a principal responsável por tantas migrações ocorrendo na última década, levando cidadãos a estar cada vez mais distantes, em termos de quilômetros, de sua terra de origem. A globalização torna-se a principal responsável não só para que sujeitos como Finetto e Barresi encontrem-se imersos e rodeados de distintas culturas em um mesmo ambiente, como também na forma que estes personagens são constituídos e formados a partir de experiências globais, uma vez que culturas se aproximam e se beneficiam dessa troca facilitada e desse menor número de empecilhos que um dia existiram. Outra interpretação possível seria de que essa formação dada por tantas culturas diferentes pode atuar também como uma fragmentação do sujeito, a ponto de não mais reconhecermos identidades nacionais num mundo de total globalização.

[...] características da nossa época pós-colonial e mundializante, pertencem a um

espaço-tempo ou a um cronotopo extremamente complexo, cujas fronteiras não são mais fixas e estanques, de forma que os lugares, físicos e psíquicos assim como as temporalidades, memórias e históricas, não são mais propriamente cerníveis, em seus contornos reconhecíveis, mas se interpenetram e emaranham em uma tensão mais ou menos grande entre seus diversos componentes. Os sujeitos que ali se movem eles mesmos encontram-se espedaçados ou fragmentados e pelo menos contraídos entre os diferentes lugares e os diferentes tempos que ocupam ou que os ocupam (OUELLET, 2013, p. 156).

O excerto retirado do artigo “Palavras Migratórias” de Pierre Ouellet, crítico literário nascido no território canadense de Quebec, discorre sobre a complexidade ainda existente em definir nacionalidades a partir de fronteiras físicas, mesmo em um mundo pós-moderno que, a partir de sua hibridização, contribui diretamente com as fragmentações culturais sofridas pelos sujeitos migrantes. Ouellet chama de “contornos reconhecíveis” aquelas características que um dia serviram para diferenciar culturas uma das outras, mas que hoje, com as constantes movimentações humanas por entre países não servem mais como delimitação de algo, visto que os sujeitos contraem características dos locais os quais ocupam. Se de um lado temos essa fragmentação imanente atual onde indivíduos não se encaixam em lugar algum justamente por estarem permeados e fragmentados pelas mais deferentes culturas, por outro lado temos quase um oposto que seria o sujeito que volta para casa e não mais identifica-se com o lar por conta de este ter mudado extensivamente desde a sua partida. O sujeito espera voltar e experienciar o mesmo de anos antes, mas a cristalização de uma cultura, ainda mais no mundo de fronteiras cada vez mais parcas, dura muito pouco ou sequer pode-se defender que exista. Essa incapacidade de adequar-se pode ser vista no excerto de “O homem que não tinha onde cair morto”, onde Ruffato dá voz ao personagem texano:

Sou um sujeito que não tem onde cair morto — afinal compreendi a profundidade do dito popular. Moro em Washington há mais de vinte anos, há quinze comprei um apartamento na rua Paissandu, no Flamengo. Frequento as mesmas livrarias, os mesmos cinemas, os mesmos restaurantes, e não possuo um único amigo. [...] Não pertencço a lugar algum, sou, sempre fui, um estranho, um estrangeiro... Não me entreguei à vida — ela me largou num parque abandonado... [...] Perambulo pelo mundo, dissipando minhas pegadas, esquecendo-me de que não tenho paradeiro... (RUFFATO, 2014, p. 140).

O personagem encontrado por Dório Finetto em Porto Rico revela em sua fala muito do espírito que permeia o livro em seu todo: seus personagens não são restritos às fronteiras nacionais, seja por formarem-se longe do país natal, seja por

encontrarem a realização muito longe da pátria-mãe, tornando, como já dito, ainda mais complexa a análise sobre a pertença identitária. Não podemos afirmar com absoluta certeza a identidade nacional de Marcelo Barresi. Por mais que saibamos que o personagem nasceu na Argentina, o seu trajeto de vida pode fazer com que Barresi não encontre a sua nacionalidade tão simplesmente como se vista no passaporte. O mesmo acontece com a moça francesa e sua paixão argentina, com Susana e sua incapacidade de sentir-se em casa seja qual for o país ou Bobby Clarke que, em momento algum, parece preocupar-se com questões tão rebuscadas quanto essas ligadas à identidade nacional. Para ajudar nessa compreensão, Zygmund Bauman defende que diversos fatores pós-modernos contribuem para essa dificuldade móvel em estabelecer identificações sólidas:

Numa sociedade que tornou incertas e transitórias as identidades sociais, culturais e sexuais, qualquer tentativa de “solidificar” o que se tornou líquido por meio de uma política de identidade levaria inevitavelmente o pensamento crítico a um beco sem saída. (BAUMAN, 2005, p. 12).

Bauman ainda nos mostra que instâncias identitárias que eram fixas, e hoje já não são mais, acabam sendo permeadas por decisões e caminhos seguidos pelo sujeito, contribuindo de forma muito clara para a discussão exercida no livro de Ruffato:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme - tudo isso - são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p. 17).

Assim, classificar personagens sentenciando-os unicamente a uma nação ou a algum lugar de pertencimento torna-se ainda mais complicado, senão irrelevante. Não há motivo para delimitarmos essas nove personagens a lugares físicos e estáticos pelo fato de o não pertencimento ser justamente a característica capaz de uni-las e diferenciá-las. Ruffato traz para o centro de sua obra sujeitos em constante descolamento, mas que, ao mesmo tempo, sentem-se deslocados por toda a parte porque encontram-se incapazes de assentarem-se ou sentirem-se pertencentes. Essa sensação é uma das forças motrizes do romance, uma vez que muitos dos personagens ali representados vivem momentos que somente são propiciados por conta dessa fragmentação cultural ou inabilidade de adequar-se. Ruffato mostra detalhes

de um mundo em que tudo muda constantemente por conta das misturas culturais facilitadas principalmente pelas migrações, como podemos ver em:

Ainda assustado com a sem-cerimônia, cumprimentei-o e declinei meu nome. Italiano?, perguntou, entusiasmado, *Parliamo in italiano, allora!* Expliquei, em francês, que, embora *oriundi*, não falava a língua de meus avós. Sou brasileiro, concluí. Um imenso sorriso infantil iluminou seu rosto lunar, cantarolou, voz de barítono, Copacabana, *princessinha del maaaaaar*, e teria continuado, não o interrompesse a moça, que, confusa, não atinava como, tendo chegado em momentos distintos, acomodando-nos em lugares diferentes, dividíamos agora a mesma mesa. Bem-humorado, ele tentou explicar, mas desistiu após emitir algumas frases, que ela não alcançou. Gesticulando, pediu outro cálice, e a garçonete, chinesa talvez, deixou-nos, embravecida. (RUFFATO, 2014, p. 110).

Em contrapartida ao aqui apresentado, principalmente a quão inoportuno e secundário torna-se no mundo globalizado limitar as instâncias identitárias das personagens ou figuras reais às fronteiras físicas, algumas interrogações tendem a ser levantadas acerca de identidade nacional no mundo pós-moderno. Gumbrecht (1999) relembra que a composição de um Estado-nação se assenta em períodos conturbados para determinada região – guerras, períodos de fome ou até mesmo epidemias – e no momento em que se torna necessário unir-se em prol do bem coletivo e de interesses mútuos, fazendo, assim, com que aqueles inclusos neste recorte geográfico estabeleçam-se como pertencentes do local. As tentativas de categorizar movimentos oriundos das modernas identidades fluídas contrárias a essas recém citadas instâncias nacionais rígidas, onde ainda se podia perceber com facilidade suas características, recaem num paralelo que, ao que parece, acaba prejudicando sempre o novo e suas minorias.

Um dos métodos achados para abarcar migrantes e inserções culturais em um país de costumes já definidos é a divisão entre o nacional e o produzido naquela língua específica. Exemplos dessa categoria acontecem tanto na França e no Reino Unido, onde colocam-se os opostos de literatura francesa contra literatura francófona e literatura inglesa em oposição à literatura da “Commonwealth”¹. Por mais que se possa argumentar que essa iniciativa, primeiramente, possa ter visado a inclusão de imigrantes escrevendo na língua do país acolhido, a dicotomia acaba por estimular uma espécie de preconceito e subestimação ao não reconhecer a arte produzida, mesmo que em mesma língua, como nacional. Já o outro método atua de forma completamente contrária, pois, mediante o intenso fluxo de imigrantes,

¹ Originalmente “Comunidade Britânica de Nações”, é uma organização intergovernamental conhecida por abarcar dezenas de países que cooperam entre si sob regência de Elizabeth II, rainha do

escolhe abarcar todo o produzido dentro de um país limitado fisicamente, não levando em conta por quem esta arte é produzida. Essa globalização entende que o seu funcionamento não distingue aqueles que há gerações perduram como centros econômico-culturais ou os recém migrados aos países ditos dominantes. No entanto, ao imprimir a “literatura globalizada”, por mais que a tentativa seja diminuir diferenças, acaba-se por caracterizar todas as culturas numa só, não apenas diminuindo, como também tornando invisíveis todas as óbvias diferenças culturais entre colonizador e imigrante.

A interrogação de como classificar autores também se expande a cidadãos comuns oriundos dos mais diversos países no momento em que estes encontram-se num mesmo ambiente geográfico específico. É necessário ter em mente que a constituição identitária do mundo atual tem como principal fundamento a tentativa de incluir – seja de forma artística, cultural, religiosa ou racial – os grandes grupos classificados como minorias que são, geralmente, marginalizados pelo centro. Assim, nem a bipartição do primeiro método, nem a total junção que ignora as claras diferenças entre culturas mostram-se como caminhos adequados a serem seguidos. O caminho e a integração do historicamente periférico até a posição central não será resolvido até que se ponha em xeque e debata-se o conceito de identidade nacional, como foi feito até aqui, revisando categorias, mas, acima de tudo, criando um certo desconforto ao questionar-se a incapacidade de pertencer num mundo com cada vez menos fronteiras.

O desconforto de Dório Finetto

Essa fragmentação do sujeito quando experiência um mundo de viagens pode resultar em uma série de sentimentos, sendo a incapacidade de pertencer e o desconforto independente do local os mais chamativos quando analisa-se a obra de Ruffato. Não há, a princípio, uma delimitação clara de que essa seja a causa dos inúmeros desconfortos apresentados por Dório Finetto ao longo do livro, pois em quase todas as suas histórias e encontros narrados, Finetto demonstra estar desconfortável com a situação apresentada. Que Finetto não possui um lar fixo, por mais que diga ter um apartamento no Rio de Janeiro, é sabido, mas o motivo de ele agir como se estivesse em constante tráfego não é explicado por Ruffato. O incômodo do personagem aparece nos momentos mais banais da trama, como em:

Ela pediu café, e, mais tranquila, contemplou o hall, agora tomado por diferentes tipos, entre turistas e homens de negócios, acossados todos pela tempestade. A te-

Reino Unido e de seus estados independentes.

levisão exibia, como despojos, casas pobres em ruas descalças, subjugadas às águas turvas e enraivecidas do Rio da Prata. Uma mulher, rosto indígena, em desespero lastimava por seus pertences perdidos, enquanto, ao fundo, algumas crianças sorriam, timidamente inocentes. No início da noite, retomou, a voz pausada, peguei um táxi, [...] (RUFFATO, 2014, p. 54).

No trecho intitulado “O presente absoluto”, a moça francesa compartilha sua história de descobertas sobre o tango argentino enquanto Dório Finetto ouve a moça falar sobre suas descobertas acerca da importância que Buenos Aires agora tem em sua vida. Entretanto, por entre pausas da fala da moça, Finetto parece estar disperso quanto à conversa, porém atento quanto ao seu redor. Finetto conta que se sentia incomodado pela fumaça do cigarro e pela extensa história da moça francesa, mas a “água de seus olhos castanho-esverdeados” ainda era capaz de atraí-lo, talvez não para a conversa em si, mas para a personagem. As atitudes do narrador podem ser vistas como um típico desconforto de quem está imerso em uma situação, mas preferia estar em outra e, conhecendo a obra de Ruffato, seria imprudente não relacionar a história da moça francesa com o que a televisão mostrava no mesmo instante. Dório Finetto atenta-se mais para transtornos causados pelas fortes chuvas de Buenos Aires à população mais pobre, que acaba perdendo muitos de seus bens, do que à história da europeia que, mesmo já estabelecida socioeconomicamente, sentia-se não pertencente antes da descoberta do tango portenho.

O narrador ainda revela o próprio desconforto logo após passar por uma situação quase traumática em que, no trecho “Uma tarde em Havana”, segue a modelo-prostituta Nádia à margem de Havana onde deixa seu dinheiro para poder ser liberado por uma espécie de cafetão. A reação esperada seria a de alívio por livrar-se de tal situação, mas Finetto reage mostrando sua inadequação para com o mundo e com as expectativas criadas ao redor de uma vida “normal”:

Quando, sem fôlego, voltei à tona, era apenas destroços, um homem que avançava célere para os sessenta anos e sabia que não ocupava o pensamento de nenhuma pessoa em lugar algum do mundo. Que quando retornasse para casa não haveria ninguém me aguardando, nem mulher, nem filhos, nem parentes, nem sequer um gato ou um cachorro. Que, caso morresse ali, naquele momento, ninguém lamentaria minha ausência. E que, irredutível, a velhice afagava o tempo malbaratado. [...] pensei que necessitava urgente tomar um banho, um longo banho para me livrar daquela crosta grossa que se acumulava sobre minha pele. (RUFFATO, 2014, p. 100)

O narrador-personagem exerce uma reflexão sobre a própria vida assim que avista a praia e nota que conseguiu escapar da situação que se desenhava descon-

fortável desde seu princípio no bar, passando pelas compras ao lado de Nádia e culminando no pagamento e liberação do café. Dório Finetto não tem um alívio, mas se dá conta que, assim como o personagem com boné do Texas de “O homem que não tinha onde cair morto”, não havia uma única pessoa no mundo a lamentar sua morte se caso assim ocorresse. Por mais que Dório não demonstre em outro momento essa vontade de uma vida de acordo com os critérios sociais pré-estabelecidos, o episódio com Nádia vem a ser o gatilho para a reflexão acerca de sua solidão. O mesmo ocorre com o seu desejo de tomar um banho para limpar a “crosta grossa que se acumulava”, revelando a necessidade de livrar-se de todo aquele desconforto, indo de encontro à sujeira que somente remove-se através de um banho.

Outra cena cabível de ser mencionada quanto ao seu desconforto, acontece em “El Gordo”, onde Dório Finetto revela a já citada estranha sensação, observada em diversas situações, de não-pertencimento ao momento:

Sitiados pelos ruídos de pratos, garfos, facas, vozes, orquestrados pelos gritos de Don Pepe e pelo tilintar do sininho, ficamos em silêncio. Embaraçado, El Gordo perguntou, O que vai fazer amanhã? Nada, declarei. Então, para se livrar daquela situação de desconforto, propôs, Ao meio-dia, passo no hotel, em que hotel o senhor está?, vamos fazer um asado na minha casa, o senhor gosta de carne, não? Nem sequer me ocorreu rejeitar, por delicadeza, o convite, tão aflito me achava. Ele se levantou, apertou minha mão, e saiu, acionando o sininho. (RUFFATO, 2014, p. 59).

Neste trecho, Finetto revela-se impossibilitado de negar o convite de El Gordo para uma nova reunião, dessa vez sem os ruídos do restaurante que são capazes de provocar algum sentimento. A escolha do narrador em nos contar que o barulhento restaurante produzia uma sensação de estar sitiado não nos remete a outro momento senão a algum de extremo estresse e tensão, como em uma guerra em que se cerca a cidade não esperando que o inimigo ataque, mas que desista pelo cansaço e falta de mantimentos. Finetto encontra-se sitiado pelo barulho e pela necessidade de interagir com outro ser humano que, com sua escolha de palavras, remonta mentalmente no leitor uma situação muito peculiar e de fácil visualização, talvez por ativar a memória individual sobre locais nos quais não se quer estar, ainda mais quando expostos a sons extremos que contribuem ainda mais tanto para a aversão de Finetto quanto para a nossa.

Vale ressaltar que Dório Finetto parece sempre estar desconfortável, principalmente na introdução dos personagens principais. Finetto analisa a figura assim que se encontram e, por entrelinhas, parece desejar que a pessoa não se aproxime para que, assim, não se veja obrigado a fazer contato. Essas atitudes vão em um

oposto completo quando pensamos que Finetto é o responsável por ouvi-las e por contar essas histórias a um terceiro. Assim, por mais desconfortável que Finetto pareça, ele provavelmente repassa as histórias porque nelas viu algo cabível de ser contado e, como cidadão de um mundo globalizado, o nosso narrador sente-se à vontade no próprio desconforto, pois é essa vida sem paradeiro a responsável por apresentar-lhe tantos personagens fascinantes. Portanto, é possível afirmar que, por mais que Finetto insista em rodear-se de solidão para que não precise interagir e encontrar-se novamente “sitiado” pela situação, sua personagem é pega em contradição no momento em que o mesmo deseja ter alguém esperando por ele após a situação estressante passada em Havana.

Considerações finais

Deste modo, conforme já exposto neste artigo, a cada momento se torna mais e mais incoerente optar pela limitação de fronteiras e nacionalidades, seja no âmbito literário, seja sobre personalidades reais. As nacionalidades no livro de Ruffato não são fixas. Pelo contrário, em mais de uma ocasião há referências a essa capacidade de mudança, como atesta o personagem Marcelo Barresi para Dório Finetto ao dizer “Sou argentino, ou fui... um dia...”, ou na fala da moça francesa sobre si mesma “Quem voltou a Paris no dia seguinte não era a mesma pessoa, apesar de o passaporte insistir que sim”. É curioso como Ruffato cita a palavra “passaporte” apenas uma vez durante todo seu escrito e, ao mesmo tempo, a capa do livro possui diversos carimbos que lembram os mesmos usados por imigrações ao redor do mundo. A imagem escolhida para ilustrar *Flores Artificiais* (2014) revela muitas das intenções que permeiam o livro, já que Ruffato, com ou sem intenção, foi capaz de representar muito da instabilidade identitária atual através das viagens do incessante Dório Finetto.

O livro debate questões oportunas no panorama social atual e nos lembra como o pertencimento pode ser importante e complexo para os que viajam, apesar de tão corriqueiro e ignorado para a maioria das pessoas que se encaixariam na categoria benjaminiana de “camponês sedentário”. As personagens representadas na obra de Ruffato são aquelas sem paradoro fixo que acabam por ter poucos ou nenhum vínculo familiar, pois não se estabelecem num único local, não respiram uma única cultura e nem se constituem sob um único olhar, mas crescem na fragmentação entre culturas, nas lacunas existentes entre um país e outro e na satisfação pessoal de viver em um eterno desconforto que poderia, por esses personagens, ser chamado de lar.

Assim, tentou-se mostrar neste artigo, desde os primeiros passos cambaleantes de Luiz Ruffato em busca de sua inserção no jogo da literatura brasileira, como *Flores Artificiais* (2014) é capaz de revelar e contar sobre uma corrente cada vez mais proeminente no mundo atual no qual fronteiras diminuem e culturas se mesclam com uma facilidade não vista até então. Ruffato produz vários personagens, através de suas construções enquanto indivíduos permeados de experiências oriundas das mais distintas culturas, que atestam para uma incompatibilidade em assentarem-se em um único lugar, ou concordarem com limites físicos nacionais. Acima de tudo, salienta-se a necessidade não categorizar mais o panorama geográfico como outrora, revisando assim concepções identitárias em prol da inclusão daqueles que moram justamente no não-morar, como são os personagens apresentados a partir da visão do mundial Dório Finetto, residindo em todos os lugares e encontrando o seu conforto justamente no desconforto.

Referências

BAUMAN, Zygmund. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmund. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BERND, Zilá. Colocando em xeque o conceito de identidade nacional. In: _____. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: editora da Universidade/UFRGS, 2011.

BERND, Zilá. Afrontando fronteiras da literatura comparada: da transnacionalidade à transculturalidade. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 15, n.23, 2013. Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/318/322>>

CEZAR, Luís Adriano de Souza. Desconforto como condição do existir: os sentidos do migratório na contemporaneidade de Flores Artificiais de Luiz Ruffato. In: GOMES, Ginia Maria. *Migração e exílio: trânsitos n romance brasileiro contemporâneo*. 1. Ed. Porto Alegre: Instituto de Letras UFRGS, 2016. p. 27-42.

GUMBRECHT, H. U. Minimizar identidades. IN JOBIM, J.L., org. *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. P. 115-124.

OUELLET, Pierre. *L'èspit migrateur; essai sur le non-sens commun*. Montréal: VLB, 2005.

OUELLET, Pierre. Le principe d'altérité. In OUELLET, P. & HAREL. *Quel autre? L'altérité en question*. Montréal: VLB, 2007.

OUELLET, Pierre. Palavras Migratórias. In: HANCIAU, Núbia; DION, Sylvie (Org.). *A literatura na História, a História na Literatura*. Rio Grande: Editora da Furg, 2013

ROUAUD, J. & LE BRIS, M., orgs. *Pour une littérature monde*. Paris: Gallimard, 2007.

RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

RUFFATO, Luiz. *Flores Artificiais*. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

Artigo recebido em 24/07/2019, aprovado em 01/11/2019.